

2005/10/06

O QUE FARIAM OS EUROPEUS SEM A NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

A NATO vive hoje uma complexa e grave crise de identidade, que não se sabe ao certo se é passageira ou veio para ficar. Não obstante esta realidade, ninguém entre os aliados, quer do lado americano, quer do lado europeu, se atreve sequer a discutir a possibilidade de a NATO deixar um dia de existir.

Essa possibilidade foi aflorada no passado, por algumas correntes de opinião, logo a seguir ao fim da Guerra Fria, quando desapareceu o motivo que dera origem à sua criação. Prevaleceu, porém, a vontade comum de salvar a Aliança e iniciou-se um processo de reformas que visavam manter-lhe a relevância que tivera anteriormente.



É verdade que, hoje, existe uma corrente de opinião minoritária que sonha com uma autonomização europeia em matéria de Defesa, vendo com bons olhos um afastamento americano e privilegiando a PESD relativamente à NATO. Porém, a maioria está de acordo em que a Aliança continua a ser um instrumento indispensável para a preservação da paz e estabilidade e para a manutenção do diálogo transatlântico de que isso depende em grande parte. Alguns defendem mesmo que hoje é mais importante do que foi no passado.

Devia, portanto, estar tudo bem com a NATO. Mas, como é bem patente, não está! Não obstante um discurso optimista sobre os progressos alcançados no processo de transformação, é difícil esconder que, em termos pragmáticos, as mudanças feitas são mais cosméticas do que reais. São os factos que mostram essa realidade. Apenas uma pequeníssima fracção das forças europeias está organizada e equipada para operar fora do estrito contexto da defesa territorial clássica. Quase nada resultou das recomendações que há mais de uma década vêm sendo feitas nesse sentido e dos subsequentes acordos assumidos pelos países membros, mas não cumpridos.

Como é óbvio, existe, em tudo isto, uma grande contradição. As constantes declarações de empenho em preservar a Aliança com o prestígio e credibilidade que tinha no passado não têm sido minimamente apoiadas por uma clara vontade de fazer mais do que o indispensável para garantir a sua sobrevivência. E nem nos casos concretos de compromissos, como é, por exemplo, o do Afeganistão, os meios para cumprir os objectivos estabelecidos têm aparecido na dimensão e com a prontidão que seria desejável.

As responsabilidades por esta situação não são exclusivas dos europeus ou dos americanos; ambos têm a sua quota-parte de culpa, apenas esta diferindo na respectiva natureza.

Os europeus são responsáveis por insuficiente esforço no desenvolvimento das capacidades militares que precisariam de ter para responder aos desafios que lhes têm sido postos. Falham de várias formas: não devotando à defesa os recursos necessários, não fazendo as reformas estruturais dos seus sistemas de forças conforme as exigências da nova situação e não coordenando suficientemente as suas políticas de defesa.

Os americanos são responsáveis por um dos mais duros golpes que a relevância da NATO sofreu, ao adoptarem o conceito de que é a missão que determina a coligação e não o contrário. O caso do Afeganistão é aqui também paradigmático. Quando decidiram avançar com a invasão, na sequência do 11 de Setembro, o apoio que a NATO tinha tomado a iniciativa de disponibilizar foi liminarmente rejeitado. Agora defendem a transferência da totalidade das tarefas de estabilização do país para a NATO, incluindo as operações de contra-insurreição que têm estado sob seu exclusivo controlo.

A que se deve esta situação? Há muitas razões; mas a principal, origem de todas as outras, reside nas diferenças da visão prevalecente em cada lado sobre a forma como se deve procurar manter a paz e estabilidade de que o mundo precisa, para que haja progresso e bem-estar, e em diferentes percepções sobre o papel da NATO no futuro.

Não obstante a confiança que ainda existe sobre a importância da NATO, como acima se refere, é por demais evidente que a situação é insustentável: uma Aliança de Defesa não pode sobreviver com os seus membros a divergirem profundamente sobre a forma de enfrentar a ameaça e sobre as condições em que o seu emprego deve ser equacionado.

Se esta situação se mantiver, a NATO corre, pura e simplesmente, o risco de acabar. Há duas formas de isso poder acontecer: deixar de legalmente existir como organização internacional, por decisão colectiva de todos os seus membros, ou deixar de existir de facto, embora permanecendo de nome, por perda de utilidade prática.

Como continua a não haver qualquer iniciativa para encarar os problemas de fundo com que a Aliança se debate, o que se presume poderia levar a um reequacionar geral dos seus fundamentos e bases de funcionamento, esse desfecho pode, a prazo, tornar-se inevitável. Por isso, melhor seria que os europeus se preparassem para essa eventualidade, equacionando, desde já, o que deve ser feito nessa hipótese.

Não é difícil adivinhar a conclusão a que chegarão: sem alternativas, terão, finalmente, que fazer precisamente aquilo que têm tentado evitar, isto é, devotar à PESC os recursos de que precisa para ter credibilidade. Só que as circunstâncias, na hipótese posta, serão bem mais gravosas: não sendo possível contar com a manutenção do vínculo militar entre os dois lados do Atlântico que tem preenchido, através da NATO, as lacunas existentes, será preciso garantir também autonomia. A factura a pagar será maior e os resultados dificilmente serão os mesmos.

Nestes termos, talvez fosse preferível que os europeus assumissem, sem mais atrasos, a sua quota de responsabilidades na manutenção da importância da NATO. Com a credibilidade que isso lhes daria, seria mais fácil conseguir que o outro lado repusesse a sua participação em termos mais equilibrados e manter-se-ia a Aliança que, afinal, representa a melhor garantia de segurança.

83 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/05/23

AS DECLARAÇÕES FINAIS DA CIMEIRA DE CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/14

“SMART DEFENCE” NA CIMEIRA DE CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/05

A CIMEIRA DE CHICAGO E O RELACIONAMENTO TRANSATLÂNTICO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/04/07

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA, DEPOIS DE LISBOA

Alexandre Reis Rodrigues

2012/03/24

A CIMEIRA DE CHICAGO: RUMO AO FUTURO

Pedro Santos Jorge[1]

2011/10/14

A NATO E A PCSD DA UE, NO PÓS LÍBIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/07/22

DISSUAÇÃO SEM ARMAS NUCLEARES? (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/05/24

A EXPANSÃO DA OTAN NA ÁSIA E SUAS IMPLICAÇÕES (RÚSSIA, CHINA E ÍNDIA)

Arthur Sá Anunciação[1]

2011/04/25

ESTRATÉGIA DA NATO E SEGURANÇA MARÍTIMA[1]

Nuno Sardinha Monteiro[2]

2011/04/16

A INTERVENÇÃO DA NATO NA LÍBIA. FICÇÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/17

A EVOLUÇÃO DA POSTURA ESTRATÉGICA DA NATO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/12/09

O CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO À ESPERA DA REUNIÃO DE MINISTROS DA DEFESA EM JUNHO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/11/26

O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (II PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2010/11/25

O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (I PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2010/11/16

A NATO E PORTUGAL. ALINHAMENTOS PARA UM NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA ALIANÇA

Luís Brás Bernardino[1]

2010/11/07

As “NOVAS MISSÕES” DA NATO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/18

RÚSSIA, PARCEIRO INDISPENSÁVEL?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/09

A SEGURANÇA ENERGÉTICA DA EUROPA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/09/24

O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO. DUAS QUESTÕES POLÉMICAS[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/09/21

OTAN 2020 – REFORÇO DA DEFESA COLECTIVA E AFIRMAÇÃO DA SEGURANÇA COOPERATIVA – O MODELO POSSÍVEL, NECESSÁRIO OU DE TRANSIÇÃO?

Rui Ribeiro Vieira[1]

2010/09/17

PORTUGAL, A NATO, O ATLÂNTICO SUL E O BRASIL

João Brandão Ferreira

2010/08/19

A DEFESA ANTI-MÍSSIL. PRIORIDADE PARA A NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/08/11

O QUE SERÁ VENCER NO AFGANISTÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/05/18

O RELATÓRIO ALBRIGHT

Alexandre Reis Rodrigues

2010/03/22

AS ARMAS NUCLEARES DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/03/15

AS RELAÇÕES NATO/UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/11/14

COMPROMISSOS BRASILEIROS COM A GLOBALIZAÇÃO: AS OPERAÇÕES DE PAZ?

Oliveiros S. Ferreira (Brasil)

2009/09/17

INTERNATIONAL SECURITY AND NATO[1]

Inês de Carvalho Narciso

2009/09/14

A «AFEGANIZAÇÃO» DA ESTRATÉGIA DA ISAF

Alexandre Reis Rodrigues

2009/09/01

AS ARMAS NUCLEARES E A REVISÃO DO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/07/28

O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/05/14

OS GRANDES DESAFIOS DA NATO[1]

Victor Marques dos Santos[2]

2009/05/13

A NATO[2]

Francisco Proença Garcia[1]

2009/04/07

A SOLUÇÃO POLÍTICA PARA O AFEGANISTÃO E A UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/02/01

QUO VADIS NATO? – OS GRANDES REPTOS PARA A ALIANÇA

Luís Falcão [1]

2008/10/24

RÚSSIA - A DOCTRINA MEDVEDEV

Alexandre Reis Rodrigues

2008/10/01

A NATO, A UCRAÍNA E A ESQUADRA RUSSA DO MAR NEGRO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/09/06

A TURQUIA E O CONFLITO NA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/27

ATÉ ONDE IRÁ A RÚSSIA, DEPOIS DA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/20

A GEÓRGIA E O RELACIONAMENTO DO OCIDENTE COM A RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/14

OS ACONTECIMENTOS NO CÁUCASO E OS JOGOS OLÍMPICOS

Luís Falcão

2008/08/11

GEÓRGIA: MAIS LONGE DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/26

OS SISTEMAS LOGÍSTICOS NAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Pereira de Melo[1]

2008/03/07

QUE ESTRATÉGIA SEGUIRÁ A RÚSSIA NA INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/01

QUE ESPERAR DA CIMEIRA DE BUCARESTE?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/28

PORQUE ESTÁ EM CAUSA O TRATADO CFE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/27

RÚSSIA SUSPENDE PARTICIPAÇÃO NO TRATADO DE FORÇAS CONVENCIONAIS DA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/12/21

KOSOVO. MAIS UM COMPASSO DE ESPERA!

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/12

A MELHOR FORMA DE COMEMORAR OS 60 ANOS DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/21

DARFUR: O SILÊNCIO E A ESPERANÇA DA ÚLTIMA FRONTEIRA

Francisco José Leandro

2007/10/11

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/04

A RÚSSIA PÓS PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/17

UCRÂNIA. ELEIÇÕES DENTRO DE DUAS SEMANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/17

AFEGANISTÃO FORA DE CONTROLE

Marcelo Rech[1]

2007/08/03

RÚSSIA DECLARA MORATÓRIA AO TRATADO DE REDUÇÃO DAS FORÇAS CONVENCIONAIS NA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/07/29

A VERTENTE DE MANUTENÇÃO DA PAZ DA NATO: UMA DUPLICAÇÃO DO PAPEL DAS NAÇÕES UNIDAS?

Nélia Rosário Ribeiro

2007/06/25

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/19

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA: RESPONSABILIDADE DA NATO?[1]

Alexandre reis Rodrigues

2007/04/19

THE TALIBAN THREAT IS NOT JUST AMERICA'S BURDEN[1]

Robert Hunter[2]

2007/04/01

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA. UM PROBLEMA PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/10/27

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/10/26

A CAMINHO DE RIGA, PELO AFGANISTÃO[2]

Miguel Moreira Freire[1]

2006/09/11

O IMPASSE AFGÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/07/30

LA OTAN Y LA TRANSFORMACION[1]

Miguel Fernández y Fernández (Alm. da Marinha de Espanha)

2006/07/20

AFGANISTÃO. A HISTÓRIA VAI REPETIR-SE?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/07/18

O FUTURO DA NATO

António Borges de Carvalho

2006/07/17

A CIMEIRA DA NATO EM RIGA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/01/22

EXISTEM FORÇAS PARA AS MISSÕES?

João Nuno Barbosa

2005/12/18

É TEMPO DE MUDAR! DIZ AZNAR.

Alexandre Reis Rodrigues

2005/11/29

NATO OU PESD? OU AMBAS?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/11/01

UCRÂNIA. A CAMINHO DA NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2004/12/13

A NOVA OTAN?

Maria João Militão Ferreira

2004/08/10

A NATO E A CIMEIRA DE ISTAMBUL

Alexandre Reis Rodrigues

2004/04/08

O ALARGAMENTO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/04/08

O ALARGAMENTO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/03/16

A NATO E O MÉDIO ORIENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2004/01/07

A TRANSFORMATION EN LA OTAN

Almirante SPN Miguel A. Fernández y Fernández (SACLANTREPEUR)

2003/12/03

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (V)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/11/11

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (IV)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/27

AS CRISES DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/20

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (III)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/09

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/08

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues